



Cena comum no Hospital Regional de Ceilândia: sem leitos ou bancos, as mães têm de ficar horas nos corredores, com os filhos no colo, enquanto eles recebem soro

Na Ceilândia, pacientes chegam de madrugada e fazem filas intermináveis, sem saber se terão atendimento

11 JUL 1996

CORREIO BRAZILIENSE

232

UM HOSPITAL EM COMA

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

É o caos transformado em dor. A cara de desolação, desespero e revolta está estampada no rosto de cada um. Numa enorme fila em ziguezague, formada quase sempre na madrugada, que nunca se sabe ao certo onde começa ou termina, contam-se as pessoas, mas seus dramas são infinitos. Lágrimas dão a exata dimensão do sofrimento.

É esse o panorama no Pronto-Socorro do Hospital Regional de Ceilândia (HRC). Desde segunda-feira, as filas não param, os poucos médicos não dão conta do número de pacientes e a população, desorientada, não sabe a quem recorrer.

“Isso aqui é uma calamidade pública, uma vergonha. As pessoas morrem na fila e ninguém toma providências”, dizia, revoltada, a dona de casa Flávia Dias, 23 anos, moradora do Setor O. Mãe de quatro crianças, ela tentava, ontem, marcar consultas na pediatria para os filhos. Desanimados, eles reclamavam de dores na garganta e tinham febre.

“Ontem (terça-feira), cheguei

aqui às 7h, fiquei até às duas e não consegui marcar consulta para nenhum dos meus filhos. Eles passaram mal na fila e não tinha lugar nem para sentar”, denuncia.

Depois de peregrinar por vários centros de saúde, sem ser atendida, Flávia resolveu procurar o HRC. “É a minha última tentativa. Tô desesperada e não sei onde mais recorrer”, dizia, deixando escapar lágrimas.

O filho mais novo de Flávia, Michael, de dois anos, não agüentava de tanta dor. Sem café da manhã, com enormes aftas e febre alta, o garoto esperava a vez de ser atendido no braço da mãe, que aguardava do lado de fora, debaixo de sol, sem lugar para sentar nos poucos bancos do Pronto-Socorro.

Às 10h, Flávia conseguiu, finalmente, fazer a ficha. “Mas nada me garante que eu seja atendida hoje.” Até as 11h30 de ontem, ela permanecia no mesmo lugar, sem previsão de que fosse chamada pela manhã. “Eu não agüento mais de tanto sofrimento, meu Deus. Alguém me ajuda!”, suplicava a mãe, com o filho mais novo no braço e os outros três agarrados a sua blusa. Seus companheiros de fila e infortúnio

nada diziam. O silêncio traduzia a mesma dor.

ESQUÁLIDA

Na garupa de uma velha bicicleta Caloi, com pneus carecas e cheios de remendos — o meio de transporte da Ceilândia Norte até o HRC —, a doméstica Maria das Dores Santos Marçal, 29 anos, aspecto de 40, gemia de dor. Fraca e esquelética, reclamando de ânsias de vômito e tontura, Maria não tinha forças para andar. Falava com dificuldade.

O marido, o auxiliar de almoxarifado Elias Procópio, 37, que a trouxe na bicicleta, não se conformava com o descaso e a demora no atendimento. “Faz duas semanas que a gente tenta, todos os dois, marcar uma consulta e não consegue”, reclamava. “No posto de saúde perto lá de casa, eles dizem que não tem vaga no momento para consultas. Mas minha mulher não pode esperar, ela tá muito mal”, dizia Elias, desolado.

Pouco antes do meio-dia, Maria passou mal e Elias ligou para o Corpo de Bombeiros, em busca de um ambulância. “Eles disseram que não havia ambulância disponível para vir até o hospital”, conta.

Sem conseguir fazer a ficha para ser atendida no Pronto-Socorro do hospital, Maria aguardava do lado de fora, debaixo de sol. Literalmente, o único ponto de apoio era a velha bicicleta. “Eu ainda corro o risco de perder o emprego, porque meu patrão não acredita que tô acompanhando minha mulher doente. A gente sofre de todas as maneiras”, lamentou-se, passando a mão cheia de calos nos olhos marejados.

VIAGEM

Ele viajou mais de dois mil quilômetros à procura de atendimento médico. Eli Batista Carvalho, um garoto franzino, de 13 anos, saiu de Corrente, no Piauí, para se curar de dores insuportáveis no peito e na cabeça. Há meses, Eli não sabe o que é jogar futebol, seu esporte preferido. “Ele ficou internado lá no hospital de Corrente e o médico mandou ele se tratar aqui”, conta a tia, Maria Ferreira. “Coitado, ele não consegue dormir direito e geme de dor a noite inteira”, lamenta.

Hospedado na casa da tia, que mora em Ceilândia Norte, Eli não entendia muito bem o tumulto de ontem no Pronto-Socorro. Mais preocupado com as dores, ele repe-

tia: “Só quero ficar bom e voltar logo pra casa”.

Na segunda-feira — quando pacientes revoltados ameaçaram quebrar os vidros do Pronto-Socorro, com o despecho de tiros para o alto, dados por um policial — Maria Ferreira levou o sobrinho ao Pronto-Socorro.

“Cheguei aqui às 10h e a gente foi embora às 17h, sem conseguir atendimento”, cronometrou a tia. “Hoje (ontem), chegamos às 7h, conseguimos fazer a ficha, mas até agora, nada”, completa. Até o meio-dia, Eli ainda não tinha sido atendido.

Mas a confusão não é apenas no Pronto-Socorro. Quem consegue internação na clínica médica dá sorte ao encontrar uma cama ou maca disponível — total de 50 leitos. Quando todos estão lotados, o jeito é improvisar acomodação em um dos bancos de madeira.

Na pediatria, a situação é igual ou pior. “Quando estamos com superlotação, colocamos até duas crianças na mesma maca”, afirma a enfermeira Maria Isabel Ribeiro, chefe substituta do Pronto-Socorro. Cena comum é ver mãe carregando filho no braço pelos corredores, com soro pendurado.